

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO TRABALHO PEDAGÓGICO EM UMA ESCOLA DE PARINTINS

Yanne Karolle Figueiredo Carvalho¹; Michelle Carneiro Serrão.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS- Instituto de Ciência Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: karollefigueiredo.carvalho@gmail.com, michellecserrao@gmail.com

RESUMO

O presente artigo advém de estudos feitos na disciplina de História da educação no curso de Pedagogia, com relação à predominância feminina no magistério, principalmente no que tange à educação infantil. Tem por objetivo fazer uma discussão acerca do processo da entrada das mulheres na Educação no Brasil, bem como da forte presença hoje de professoras na educação infantil na cidade de Parintins-Am e contará com relatos de profissionais da educação apontando o que os influenciaram na escolha da profissão e os desafios que encontram em lidar com as relações de gênero no trabalho pedagógico. Isso se dará através de análise bibliográfica, observação do contexto escolar de uma escola infantil de Parintins e questionário semiestruturado aplicado aos docentes. Nesse estudo observou-se que a predominância feminina se tornou uma questão cultural e que muitas professoras são levadas a esse ofício impulsionadas pelo que a sociedade impôs a elas e influenciadas pelos dogmas da Igreja. Tudo porque no decorrer da história educacional no Brasil foi tecida a figura da mulher-mãe-professora, portadora do bem, do amor, do carinho e cuidados maternos. Em algumas situações acabou por surgir olhares preconceituosos sobre a prática educacional masculina, onde acaba separando homens e mulheres no cenário educacional infantil. Diante disso, surgiu o interesse de investigar o porquê nos dias de hoje ainda ocorre essa predominância feminina, configurando como questão-problema desse estudo: Como se dá as relações de gênero no trabalho pedagógico de crianças de uma escola de Parintins?

Palavras-Chave: Educação Infantil, Trabalho Docente, Relação de Gênero.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas/ICSEZ. karollefigueiredo.carvalho@gmail.com

INTRODUÇÃO

No processo de mudanças que ocorreram na sociedade, houve uma que se não é, poderia ser considerada a mais importante, que foi a entrada da mulher na vida social, política e principalmente educacional.

Esse processo foi marcado por lutas, e aos poucos elas tomaram espaços que antes só eram ocupados por homens. Nesse período de lutas, a educação foi primordial para esse feito, pois foi onde houve, mais fortemente, a entrada da mulher no mercado de trabalho e na vida pública.

Vista como possuidora de amor e bondade foi permitida a ela cuidar de crianças em creches e pré-escolas, como cuidadoras ou mesmo professoras. E as mulheres viram no cenário da educação uma oportunidade de trabalho remunerado, e de libertação da obrigatoriedade do casamento arranjado.

Depois dessas conquistas, o que mudou na visão da sociedade com relação ao papel da mulher como educadora? Somente as mulheres podem educar as crianças por portar características de mansidão, paciência e amor aos pequenos por serem geradoras de filhos?

Esta discussão acerca do papel da mulher na sociedade despertou o interesse de pesquisar em Parintins o porquê permanece a predominância de mulheres no trabalho pedagógico, tendo em vista que muitos paradigmas já foram desfeitos.

A partir de leitura de autores que refletem sobre as relações de gênero no trabalho pedagógico, faremos uma discussão acerca do processo histórico que levou a entrada das mulheres na educação brasileira. Investigando como se dá as relações de gênero no trabalho pedagógico e suas influências na formação das crianças da educação infantil em uma escola do Município de Parintins, além de conhecer a concepção dos professores sobre as relações de gênero no trabalho docente na educação infantil.

As bases teóricas que respaldarão essa pesquisa serão fundamentadas nas ideias de Almeida (2004), Fontana (2005), Cisne (2012), que falam sobre como ocorreu os processos de feminização do magistério, de como mulheres escolhem essa profissão, e as influências dessa feminização na vida social de meninos e meninas.

METODOLOGIA

O método de abordagem será fenomenológico, pois “propõe-se a estabelecer uma base segura, liberta de proposições, para todas as ciências” (GIL apud PRODANOV, 2008, 14). Pois a

pesquisa fará um estudo dos fenômenos acerca das relações de gênero no trabalho de professores e professoras.

Essa pesquisa se baseará em uma abordagem qualitativa, pois “[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV, 2013, p. 70) e, entende-se também o ambiente natural como fonte direta para coleta de dados e todos os envolvidos nessa pesquisa são sujeitos que elaboram conhecimentos.

O método de procedimento será pelo Método Histórico, pois sabemos que muitos dos problemas da contemporaneidade podem ser entendidos a partir de uma perspectiva histórica, rebuscando experiências passadas para assim conhecer e entender situações presentes. Assim Lakatos e Marconi (2007, p. 107) ressaltam que “As instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época”.

A pesquisa será realizada no Centro Educacional Infantil “Mundo de Criança”, uma escola pública do município de Parintins, no período escolar dos alunos.

Os sujeitos da pesquisa serão dois professores de ambos os sexos da instituição pesquisada.

O trabalho terá como instrumentos de pesquisa a observação direta, questionário semiestruturado que ajudará a esclarecer opiniões de professores sobre a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acompanhando as conjunturas educacionais pelas quais o Brasil passou, desde a colonização feita pelos Jesuítas em 1549 até pelo menos os anos 90 do século passado, nota-se as diferenças educacionais e sociais que eram divididas pela relação de gênero.

Neste processo de perpetuação em larga escala do papel social de homens e mulheres, a Igreja Católica teve papel fundamental, tendo em vista que no século XIX e início do século XX, contribuiu com as ideologias de dominação da sociedade da época, à medida que.

A Igreja Católica, [...], contribuiu historicamente com a ideologia patriarcal de dominação e controle sobre o gênero feminino ao configurar o modelo de uma boa mulher: as moldadas como moças boazinhas, caridosas e assistencialistas sob o modelo de Maria, mãe de Jesus. Tal modelo institui o referencial, a ser seguido com fidelidade pelas cristãs, de uma mulher santa, assexuada, de mãe exemplar abnegada, com espírito de sacrifício e pureza. (CISNE, 2012, p. 50).

Com essa visão de mulher “domesticada” que a sociedade impôs, ampliou-se o preconceito praticado pelo Estado, família e igreja desde a criação das meninas dentro dos lares, nos princípios que lhes eram repassados, além da educação diferenciada nas poucas escolas existentes na época.

Na visão machista que a sociedade estabelecia para com as mulheres, a educação das meninas voltava-se para os cuidados com o lar e os filhos, com as aulas de boas maneiras, de corte e costura, bordados, praticavam os ensinamentos entoando canções para que desse modo mantivessem as mentes ocupadas do “mau” pensamento. Assim, afirma Almeida (2004, p. 71),

[...] compunha-se um quadro de uma sociedade machista e preconceituosa, pois, a educação das meninas era diferenciada das dos meninos, pra elas eram ensinados não a ler e a escrever e sim, como cuidar da casa, dos filhos e tudo o que uma mulher devia saber para conduzir um lar.

Enquanto que para os meninos lhes eram ensinados a leitura, a escrita, a matemática e conseqüentemente, um ofício, pois eles teriam que trabalhar para sustentar a família que logo teriam.

No contexto educacional do período republicano, no fim do século XIX, começou o advento dos jardins de infância, do assistencialismo dado às crianças pobres, e as mulheres possuindo características próprias, assumidas em favor das imposições de uma sociedade regida pelos ideários religiosos, começam a ganhar uma nova configuração, a de professora de jardim de infância. Essa nova “missão” que lhes foi outorgada passou a ser uma extensão do trabalho doméstico e a autora Fontana (2005) cita Lusia Pereira que analisa as relações profissionais do tipo doméstico, e a permanência do discurso religioso acerca da mulher e de seu papel na sociedade.

E o jeito de ser mulher, cunhado pelo ideal religioso desloca-se para o jeito de ser professora. Por esse ideário, a mulher assume, na sua forma de ser, a esposa dedicada, a mãe amorosa, a boa dona de casa, a filha obediente, a docilidade, a meiguice, o ar angelical. Cumpre sua ‘missão’ nesses papéis sociais. Missão essa impressa como marca indelével. É também assim que a professora se torna no exercício de sua profissão: a missionária dedicada a seus alunos, a mulher professora que se transveste de mãe e tia e se desdobra em carinho para seus alunos-filhos, sobrinhos e com eles se preocupa e supre as suas necessidades mais primárias. [...] É nesse jeito de ser da professora que é possível perceber o religioso implícito no *ethos* pedagógico. (PEREIRA apud FONTANA, 2005, p. 36).

O amor de mãe, de tia que cuida com dedicação, era exercido no papel de ser professora, pois além de garantir que as crianças estariam bem cuidadas, as mulheres passariam a ter um ofício onde não ultrapassaria os limites do lar, estendendo sua maternidade, sua bondade e mansidão a fim de repassar às crianças, a moral e os bons costumes, guiando e perpetuando os ideários da época

que acreditavam que os males que assolavam a sociedade poderiam ser amenizados se as crianças recebessem os princípios dos bons costumes e principalmente o amor à pátria.

Na reconfiguração da sociedade que se desejava [...] esclarecida, com potencial de regeneração nacional, havia a crença numa visão de escola que doméstica, cuida, ampara, ama e educa, [...], vai colocar nas mãos femininas a responsabilidade de guiar a infância e moralizar os costumes. (ALMEIDA, 2004, p. 61).

Esse momento da história da educação as mulheres começam a ter oportunidade de sair do espaço doméstico, para cuidar e educar as crianças nos jardins de infância, mas sem muitas mudanças, pois o ser professora era apenas uma extensão de suas casas, não deixando de cumprir com suas funções com os filhos e o marido, nem tampouco com suas obrigações religiosas.

Nessa nova configuração da educação, a entrada das mulheres no espaço de trabalho foi vista com bons olhos pela sociedade, por que suas funções não ultrapassavam os limites impostos para o papel que a mulher deveria exercer, tornando-se assim, um fenômeno que se alastrou rapidamente no cenário educacional e social.

[...] instruir e educar crianças era considerado aceitável entre as mulheres e também a profissão que possuía, moral ilibada, sendo pacientes, bondosas e indulgentes para lidar com os alunos. A entrada das mulheres nas escolas normais e a feminização do magistério primário foram um fenômeno que aconteceu rapidamente e, em pouco tempo, foram maioria nesse nível de ensino. Mesmo assim, a concepção implícita na frequência das escolas normais pelas mulheres e na educação feminina, continuava atrelada aos princípios veiculados de esta educação ser necessária não para seu aperfeiçoamento ou satisfação, mas para ser a esposa agradável e a mãe dedicada. (ALMEIDA, 2004, p. 82).

Apesar da visão domesticadora, a mulher viu na educação um caminho para sua emancipação patriarcal e conjugal. Essa seria a alternativa e a oportunidade que elas encontraram para sair do espaço doméstico, mesmo que ainda limitado, visto que o trabalho que exerciam era o mesmo que faziam nas suas casas, constituindo-se na sociedade o papel da professora que passou de cuidadora à educadora, ganhando seu espaço, dentro de uma sociedade preconceituosa e machista, assumindo assim um papel de mulher-mãe-professora. Fontana (2005), faz um resumo sobre a condição do papel da mulher-professora e como se constituiu no ser de cada uma, essa nova configuração e responsabilidade social na educação, afirmando que

Em consideração que o papel de professora vai se constituindo em nós misturado à nossa vida de meninas, mulheres, filhas, irmãs, esposas, mães, com suas práticas, rituais, fazeres e afazeres, desejos, medos, aspirações e frustrações, modo de dizer e de silenciar, que são históricas e socialmente construídas e que trazem consigo, implicitamente, os modos de ser masculinos, já que é vivida de forma relacional, outra leitura caberia: a busca do significado

histórico das práticas sociais que envolvem homens e mulheres hoje, vivendo numa sociedade caracterizada pela “destotalização da experiência individual”. (p. 32).

O caminho a percorrer não era fácil, visando à emancipação e a instrução, a procura pela nova profissão antes exercida apenas pelos homens aumentou. A busca pela instrução se tornou um atrativo para as meninas que sonhavam com uma vida mais independente, principalmente para fugir dos casamentos arranjados, ou até mesmo visando ser uma mulher mais dedicada ao lar e aos filhos. As escolas normais eram as instituições que preparavam as meninas para exercerem tanto o papel de dona de casa, mãe, esposa e boa filha, além do ofício de magistério, a elas era ensinada à escrita, a leitura, o conhecimento cívico, a moral e os bons costumes, que seriam perpassados para as crianças.

Mesmo com a entrada da mulher no cenário da educação cercada de princípios diferentes com os que são vigentes hoje, configurou dessa forma, uma oportunidade de conquistarem novos espaços dentro da sociedade, importante passo também para a educação infantil que começou a ganhar um olhar mais crítico, caminhando assim para o que ela é hoje. “As mulheres afluiriam ainda em maior número para a profissão, levadas pela necessidade de buscar instrução e poder exercer uma profissão, numa sociedade que principia a considerar o trabalho feminino uma alternativa para alcançar o desenvolvimento”. (ALMEIDA, 2004, p. 90).

O desenvolvimento e crescimento não favoreceu apenas a nova mulher-mãe-professora, também favoreceu o desenvolvimento da educação infantil, de inúmeras crianças que com essa nova oportunidade tiveram acesso à educação desde pequenos. Muito se lutou pela independência das mulheres e a educação infantil teve papel fundamental para a emancipação delas.

Acompanhando as mudanças sociais e econômicas que desencadeava no mundo no século XIX, com o advento da reforma industrial, que passou a recrutar homens e mulheres para o avanço e desenvolvimento das indústrias nesse período, houve então a necessidade de pensar em espaços para que as mulheres pudessem deixar seus filhos no período em que elas cumpriam suas jornadas de trabalho. Por muito tempo a sociedade excluiu a criança por entender que elas não desempenhavam um papel social importante. Essa visão foi modificando no final do século XIX, quando houve um grande impulso em consolidações de tendências de valorização da infância, que trouxe um novo olhar para o ser criança.

A preocupação com a educação de crianças partiu de pensamentos de que é na infância que as pessoas aprendem o que é bom e adquire bons comportamentos, é o que afirma a autora Souza (2010):

O propósito dessa educação era o preparo de uma infância melhor, moralmente sadia com lastro de bondade, delicadeza e para tornar fácil no dia seguinte o trabalho de instrução e o cunho definitivo de caráter que o mestre da escola primária poderá lhe imprimir, sem receio de que este seja desfeito por influência. (p. 30).

Preocupados com o que as crianças se tornariam para a sociedade, passaram a atender essa clientela em um primeiro momento de forma assistencialista, principalmente para cuidar das crianças oriundas de famílias com poucos recursos.

A introdução de modelos escolares para crianças gerou intensos debates na época, e o cerne das polêmicas seria a não obrigação do poder público em manter esses espaços já que tinha como objetivos a caridade.

A partir da necessidade que perceberam como algo essencial, o debate acerca da educação de crianças passou a se intensificar como cita Oliveira, “Vigorosos debates nacionais sobre os problemas das crianças provenientes dos extratos sociais desfavorecidos, afiançavam que o atendimento pré-escolar público seria elemento fundamental para remediar as carências de sua clientela, geralmente mais pobre.” (2011, p. 109).

Diante desse cenário de mudanças políticas, sociais e educacionais, houve a iniciativa e o olhar social para as crianças que em meio a toda essa mudança, passava-se despercebida. Também com modelos Europeus instalava-se aqui em meados do século XIX, os primeiros jardins de infância, que atendiam as crianças pertencentes às classes sociais mais alavancadas.

Esse atendimento dado às crianças da época, não visava seu desenvolvimento intelectual e motor, funcionava como uma espécie de local onde as mães pudessem deixar seus filhos quando precisassem. Surgindo assim grande preconceito com esse modelo de ensino, “[...] muitos a criticavam por identifica-la com as salas de asilo francesas, entendidas como locais de mera guarda das crianças” (OLIVEIRA, 2011, p. 92)

Nesse novo contexto educacional as mulheres viram uma oportunidade de saírem do espaço doméstico, sem deixar de realizar o trabalho que a sociedade atribuiu a elas, o trabalho de cuidar dos filhos, do marido e do lar.

A Educação Infantil em uma escola de Parintins

O município de Parintins acompanhou e vivenciou muitos aspectos históricos que ocorreu no restante do Brasil. Um dos aspectos, é a forte influência religiosa que se estende até os dias de hoje.

O primeiro Jardim de Infância do município de Parintins foi criado no ano 1979 pelo padre Francisco Luppino [fonte: CÉRQUA, 1988], em um terreno pertencente à Diocese de Parintins e que funciona até hoje no mesmo local após 36 anos. Assim como os outros 12 centros de educação espalhados pela zona urbana de Parintins, e que de alguma maneira está ligado com trabalhos desenvolvidos pelas Igrejas.

Da mesma maneira que aconteceu no restante do Brasil, aqui não foi diferente, a necessidade de se ter um lugar para deixar os filhos para que os pais pudessem trabalhar, influenciou a implantação dos jardins de Infância ou creches. “A consolidação da atividade industrial acelerou a transformação de uma estrutura econômica agrária, na qual o trabalho podia ser realizado pelo conjunto dos familiares, em outra estrutura, que passou a incluir a separação física entre o local de moradia e local de trabalho [...]” (OLIVEIRA, 2011. p. 94)

Em um colégio de freiras no município, muitas meninas foram ensinadas, além de ler e escrever, o trabalho com as crianças, para que no futuro pudessem cuidar de suas famílias. Dessa forma, foram sendo recrutadas pouco a pouco para o trabalho docente nos Jardins de Infâncias em Parintins, perpetuando os ensinamentos às futuras gerações.

Desse modo, com o passar dos anos ainda percebe-se a presença das mulheres em grande quantidade, na Educação Infantil, e em observação em uma escola de ensino Infantil no município de Parintins, havia a presença de três professores homens lecionando no maternal, I período e II período. A escola observada, situa-se em um bairro periférico do município e destaca-se por ser a escola com o maior número de professores homens.

Questionei um dos professores: Por que escolheu trabalhar com a Educação Infantil? A resposta quase de imediata: “Não tive muita escolha, a oportunidade surgiu e já estou aqui há 6 anos” (Professoro “X”). Continuei observando esse professor na sua rotina diária, e logo percebi algumas dificuldades em desenvolver o seu trabalho no maternal por ser homem que citarei mais embaixo.

As crianças são amparadas por lei no que diz respeito à educação: “Art. 5º A educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas [...] que educam e cuidam de crianças 0 a 5 anos de idade [...]” (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, 2009). As creches no município de Parintins ainda é uma utopia, já as pré-escolas garantem a primeira etapa da educação.

As crianças são matriculadas nos centros educacionais infantis com a idade de 3 anos, e nesse período muitas ainda não sabem ter domínio sobre suas necessidades fisiológicas, e os

professores necessitam articular-se para desempenhar os dois papéis, o de cuidar e o de educar, como bem cita Garanhani (2010. p. 196) “[...] A docência na educação Infantil exige uma simbiose entre cuidado/educação por meio da interação de uma rede de profissionais responsáveis pelas crianças”. Partindo dessa visão observei uma das dificuldades que os professores (homens) enfrentam que é o momento da ida ao banheiro, pois por questões (como eles mesmos colocaram) de “respeito com as crianças”, principalmente com as meninas, eles não as acompanham.

Entende-se o lado masculino, que recebeu da sociedade o modelo de comportamento entre homens e mulheres, ou melhor, entre professores e professoras. Em um desabafo o Professor observado relata suas dificuldades no contexto escolar.

Eu sou homem, passei muito tempo ouvindo que isso era trabalho para as mulheres fazerem, agora que me vejo nessa situação, percebo o quanto essas palavras influenciam no meu trabalho. [...] essa é só uma das dificuldades, a maior delas com certeza é lidar com o olhar preconceituoso dos nossos próprios colegas de profissão e dos pais das crianças, que chegam ao primeiro dia de aula e quando veem que é um professor alto e forte, e não uma professora com um rostinho angelical e com voz suave, pensa duas vezes se deixa ou não a criança na escola. (Professor ° “X”).

Com esse desabafo podemos perceber que a imagem construída pela sociedade de mulher-mãe-professora, ainda está enraizada em nossas concepções, gerando conflitos com o trabalho pedagógico que o professor quer ou precisa desempenhar na sala de aula.

Questionei uma professora também da mesma escola infantil e que leciona para as crianças do maternal, com a mesma pergunta: Porque você escolheu ser professora de Educação Infantil?

Passei no concurso para professora de ensino fundamental e trabalhei durante um ano, tive a oportunidade de trabalhar com a educação infantil e acabei me apaixonando pelas crianças e queria poder cuidar deles dali em diante. Acabei deixando o ensino fundamental pela educação Infantil e não me arrependo. (Professora “Y”)

Fazendo uma análise das respostas tanto do professor “X” quanto da professora “Y” frente à mesma pergunta, percebe-se que a professora fala com amor ou como ela mesma coloca, “apaixonada” pelas crianças, que sua escolha foi feita por prazer. Enquanto o professor em sua rápida resposta, leva-nos a entender que o seu trabalho pedagógico começou por uma oportunidade de emprego, não questiono seu o amor ou dedicação dele pelas crianças, mas seu entusiasmo não está dos melhores.

Para exercer o papel de professor/professora de Educação Infantil, necessita de algumas características que requer a docência, “A professora necessita ter compreensão que a vulnerabilidade e dependência infantil geram atitudes de cuidado.” (GARANHANI, 2010. p. 195).

Além dessa compreensão, o professor/professora precisa ter criatividade e competências necessárias para conduzir o aluno além, tendo objetivos claros e definidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados do século XX, o ensino infantil começou a ser incorporado entre as etapas de educação que uma criança deve ter. Nessa época, a sociedade sofria grande influência sobre o comportamento da mulher e conseqüentemente, foi tecendo-se um ideário de bondade, perfeição e maternidade a elas.

As mulheres por sua vez, viram na docência uma oportunidade para adentrar no mercado de trabalho, visto que nessa época, o espaço que as mulheres tinham direito de participar, eram muito limitados.

A feminização da docência no ensino infantil teve como papel principal a visão cultural imposta pela sociedade, tendo a Igreja como instrumento de perpetuação para essa visão machista. A entrada da mulher nesse cenário, em um primeiro momento visando à oportunidade de trabalho, passou a compor uma ferramenta de luta por direitos iguais.

Após toda discussão acerca da feminização pedagógica da educação infantil, nota-se dois fatores principais para esse advento, o primeiro fator pode ser considerado o principal que ainda é o conceito de professora cuidadora, portadora do bem e do amor e dos cuidados maternos; o segundo fator encontrado é o preconceito dos ambos os sexos em relação à figura do professor no que tange aos cuidados com as crianças.

Percebe-se que esse preconceito é responsável por afastar os homens do trabalho pedagógico infantil, pois o papel do professor é educar, transferir saberes, articulado com o cuidar das crianças, promovendo o saber pedagógico e o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Tendo em vista os vários debates que cerceiam a educação infantil, percebe-se que ainda falta desmistificar algumas visões sobre essa modalidade de ensino, que assim como as outras modalidades é tanto quanto importante, pois é considerada a base de toda educação.

O debate acerca da feminização no trabalho pedagógico na educação infantil deve ser constante e necessário, para entender esse fenômeno que vem se arrastando através dos séculos. A desmistificação dos conceitos atribuídos aos professores/professoras da Educação Infantil, significa adequar-se aos novos conceitos sobre o trabalho pedagógico, nessa nova conjuntura social que se julga esclarecida e sem preconceitos.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: missão, votação e destino? In: SAVIANI, Demerval. **O Legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: (org.) STEPHANOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil: séculos XVI – XVIII**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CÉRQUA, Dom Arcângelo (1980). **Clarões de fé do médio Amazonas**. Manaus: Imprensa Oficial.

CISNE, Mirla. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**. São Paulo: Outras, 2012.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GARANHANI, Maryelma Camargo. A docência na Educação infantil. In: Souza. Gizele de (org). **Educar na Infância: perspectivas histórico-sociais**. São Paulo: Contexto, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Nacionais para a Educação. Brasil**, 2009.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOUZA, Gizele de. Os Jardins de Infância públicos no início do século XX. In: _____ **Educar na Infância: perspectivas histórico-sociais**. São Paulo: Contexto, 2010. .

